

FÉ E RAZÃO

Antonio Carlos da Silva

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus Toledo¹

Especialização em Filosofia do Direito

Mestrado em Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente

Relacionar a violência com a falta de Deus é uma temeridade. Pois, na Idade Medieval tudo era feito para e em nome de Deus. Pressupõe-se que existia uma presença de Deus em tudo o que era feito naquele tempo. No entanto, nesse período foram cometidas as maiores atrocidades da história da humanidade. E mais, um ateu pode, perfeitamente, ser tão, ou mais, ético e moralmente correto que muitos crentes. Certa vez, depois de uma palestra em que havia confrontado a Teoria do Conhecimento de Agostinho de Hipona (354-430) e a de Tomás de Aquino (1225-1274), um aluno disse-me: “professor eu sou ateu!” Respondi-lhe: “Você é um homem de profunda fé!” Ele ficou meio confuso e então, expliquei-lhe: “Você tem uma profunda fé em ‘não-A’, ou seja, que Deus não existe. Também o crente tem uma profunda fé em ‘A’, ou seja, que Deus existe. Porém, nem você nem o crente demonstram a inexistência ou a existência de ‘A’. Ou seja, não demonstram a inexistência ou a existência de Deus. Pois, ambos trabalham com o mesmo critério de verdade, que é a fé”. Um tem fé que Deus existe e o outro tem fé que não existe Deus. Mas, ambos apenas têm fé.

Na Idade Média Tomás de Aquino tentou demonstrar Deus de forma lógica através de cinco vias, não o conseguiu. Ele se apropriou de duas vias - causa primeira e motor primeiro - da lógica aristotélica e as outras três dos pensadores árabes Avicena (980-1037) e Averróis (1126 -1198), que eram peripatéticos. Tomás apenas conseguiu fazer uma falácia que, em lógica, chamamos de petição de princípio. Pois, afirmou aquilo que deveria ter demonstrado, sem demonstrá-lo. As cinco vias podem ser vistas em meu site http://www.acslogos.com/traducao_8.html.

Também afirmar que a teoria do evolucionismo exclui Deus é próprio dos fundamentalistas religiosos ou dos fundamentalistas científicos. Ambos são perniciosos para a religião e para a ciência. Começemos pela Teoria do Big-Bang, a

¹ Rua da União, 500, Coopagro - Toledo – PR. *E-mail:* acs-logos@uol.com.br; *site:* www.acslogos.com

qual foi desenvolvida por um padre belga chamado Georges Lemaître. Se fizermos um pareamento da teoria do Big-Bang com o mito cosmogônico judaico-cristão do gênesis veremos que a única coisa que muda é a linguagem que, no mito, não possui data e na ciência são colocadas datas. E como todo o mito, o gênesis bíblico está escrito de forma mítica. E como toda a ciência, o Big-Bang trabalha com datas, supostamente, precisas. Mas, ao parearmos os sete dias míticos do gênesis com os milhões de anos, a partir dos 13.500.000 anos passados, veremos que se encaixam perfeitamente, apenas com uma pequena inversão. Pois, no gênesis, inicialmente Deus criou o céu e a terra e depois a luz e no Big-Bang a primeira coisa aparecer foi a luz, a partir da expansão de um átomo primordial. Átomo esse que é, de certa forma, mítico também. De onde veio esse átomo primordial? Na linguagem mítica do gênesis afirma que no sétimo dia Deus viu que suas criações eram boas, manteve-as e descansou. No Big-Bang o sétimo é o hoje. Mas, o problema maior é onde encaixar Deus na expansão desse átomo. Podemos colocá-Lo como o próprio átomo. Então, Deus expandiu-se com o universo e temos o panteísmo. Mas, também podemos colocar Deus, fora do átomo primordial, ordenando a expansão e temos o monoteísmo.

A mesma coisa ocorre com o mito adâmico. A última criação divina foi o homem e pela teoria evolucionista o último ser a aparecer na terra foi o homem. Nenhum conflito, apenas que no sistema criacionista Deus criou o homem assim como ele é. E, no evolucionismo o homem evoluiu a partir do último ramo da árvore da vida. Evolui do ramo dos primatas. Desse ramo saiu a última folha. A folha dos homínídeos. Assim, podemos pensar um sistema deísta², no qual Deus deu o primeiro *start* e deixou que o mundo evoluísse segundo as leis cósmicas. Então, as nossas ações seriam de nossa inteira responsabilidade. Deus não interferiria na moral humana, nem ajudando, nem prejudicando. E, não adiantaria pedir ou tentar suborná-Lo. Porém, esse deísmo mantém o monoteísmo tal com o teísmo.

Falando em monoteísmo, certa vez, em 2004, dando uma palestra para padres, em Santa Teresinha de Itaipu, falei que o único pensador que apresentava coerência lógica monoteísta era Agostinho de Hipona. Pois, para ele não existe, ontologicamente, o mal. E, se não existe mal, logo, não existe demônio. Quando falei isso, um padre de mais idade quase teve um ataque cardíaco. Então, expliquei

² Deísmo: Afirma a existência de Deus, porém nega a sua interferência na vida e nas ações humanas. Enquanto o Teísmo afirma a existência e a interferência de Deus na vida humana.

a tal coerência lógica³, dizendo que se afirmamos o monoteísmo e afirmarmos o mal (demônio) temos que aceitar que o mal deriva de Deus. Logo, esse deus seria um sádico que libera o demônio para tentar os homens a cometerem maldades para se comprazer duplamente. Primeiro com o sofrimento daquele que sofreu a maldade e depois com o daquele cometeu a maldade. Pois, irá puni-lo. Para afirmarmos a existência do mal temos que seguir a ideia de Mani (216-276), criador do maniqueísmo, e pregarmos a existência de dois deuses, um do bem e outro do mal, que lutam entre si. Como o faz a maioria da cristandade. Mas, Agostinho havia abandonado o maniqueísmo e queria resolver a questão monoteísta. Para resolver, ele afirmou que quando alguém pratica o que chamamos de mal, não é mal em si, mas falta de bem, falta de Deus na alma daquele que comete o mal. Como jogo de linguagem, isso é perfeitamente aceitável. Ele era professor de retórica.

Conhecer Deus também é uma questão controversa. Como pode um finito conhecer o infinito? Logicamente o finito não pode conhecer o infinito. Mas, seguindo a lógica tomista, a alma humana, por ser da mesma substância divina, participa de Deus. Então, animicamente poderíamos conhecer Deus. Mas, temos outro problema. A linguagem humana é finita. Como podemos dizer o infinito com mais ou menos 105 fonemas? Então, se O conhecemos animicamente não poderíamos dizê-Lo. Os agnósticos têm outras perguntas perturbadoras, por exemplo, como Deus, que é eterno, entra no espaço e no tempo e não se torna perecível? Como um Ser perfeito pode gerar um imperfeito? Logicamente não pode. Descartes respondeu que Deus é perfeito e poderia ter-nos feito perfeito, mas não tinha essa obrigação. Criou-nos imperfeito é verdade, mas nos deu livre-arbítrio. Agora está na responsabilidade do homem buscar ou não a perfeição. Buscar ser cavalgado por Deus ou pelo demônio, respondeu Lutero com seu servo-arbítrio. Temos que aceitar que Deus é algo que está fora do tempo e do espaço e não cabe na razão. Sempre digo para meus alunos, as religiões devem se ocupar mistérios cósmicos e as ciências dos segredos da natureza. Dos segredos, a razão humana encontra a chave para eles e, dos mistérios ela não a encontra. Aqui novamente está a questão da Fé. Agostinho de Hipona já alertara para que não caíssemos na tentação da fé cega e buscássemos a fé como certeza. Que certeza é essa? A

³ O lógico condicional: Se existe Deus único, então, no mundo não existe o mal. No mundo existe o mal. Logo, não existe Deus único.

certeza de que existem coisas que nem as ciências empíricas, nem a razão humana explicam. Essa certeza denomina-se de fé.

Definido fé poderíamos perguntar, o que é um homem de fé? Segundo o filósofo e teólogo protestante Kierkegaard, educado no pietismo, o homem de fé aquele que tem Deus como regra. Ele perguntava se Abraão era um homem de fé ou um psicopata em potencial. Pois, ouvira a voz de Deus e a seguiu, rompendo com moral social paterna, que é a de sempre proteger o filho. Mas, para o homem de fé não há regras sociais ou históricas. Porém, Deus, no momento crucial, impediu-o de realizar o sacrifício. Parece que isso não ocorreu em outros casos, cujos atores afirmaram terem ouvido uma voz divina. Para Kierkegaard o homem de verdadeira fé é aquele homem angustiado que com muito sacrifício constrói sua fé e convoca a não-fé, que é a razão, para referendar a fé. A razão acaba destruindo a fé. Ele se angustia. Novamente reconstrói sua fé e recorre à não-fé para confirmar a fé e outra vez a razão a destrói. Assim, ele vai vivendo angustiadamente até deixar de ser. Kierkegaard rompeu com a recomendação de Lutero, de que para ter fé dever-se-ia cegar os olhos da razão. Kierkegaard preferiu crer para compreender e compreender para crer, como afirmou Agostinho.

Para finalizar gostaria de perguntar: Quem tem autorização para falar em nome de Deus? Se fizéssemos essa pergunta para Deus, Ele poderia responder-nos de três formas. 1) Ninguém está autorizado a falar em meu nome. 2) Autorizei "X" falar em meu nome. 3) Autorizei todos falarem em meu nome. Pois, são das contradições existentes entre as pregações discursivas de "X", "Y" e "Z" que os homens encontrarão a verdade. Assim, não podemos dizer que essa ou aquela religião é a melhor. Apenas podemos afirmar que, como digo para os meus alunos, a melhor religião é aquela que te gentifica. É aquela que te torna gente. É aquela que te humaniza. Como disse Dalai Lama, é aquela que te torna melhor.

Antonio Carlos
Toledo, 12/04/2006.